

68 HORAS DE TERROR

POR MARGO PFEIFF



Ele compreendeu o verdadeiro significado de estar sozinho

A O FIM DE LONGOS dias de 18 horas de trabalho semeando a terra, Bruce Osiowy pôde enfim relaxar durante a maior parte daquela quinta-feira, 5 de junho de 2003. À tardinha, entretanto, decidiu retirar pedras de um de seus campos. Antes de sair, o fazendeiro de 53 anos colocou a carne no forno. Ela estaria pronta por volta das 20 horas, quando chegasse para assistir ao jogo de futebol.

Sob um céu azul brilhante que se estendia até o horizonte da campina, Osiowy enganchou a máquina de catar pedras atrás do trator e partiu na companhia de *Gopher*, seu *border collie*. No último minuto resolveu encher o tanque do trator com 320 litros de combustível. *Vai me poupar deste trabalho amanhã de manhã*, pensou ele.

Enquanto atravessava os 600 hectares de sua fazenda perto de Abernethy, a 100 quilômetros de Regina, ele moveu uma alavanca para baixar a fileira de 1,5 metro de largura de garras de metal que varrem o chão e arremessam as pedras para um tambor giratório e dali para uma enorme caçamba.

Às 19 horas, enquanto esvaziava uma caçamba num depósito de pedras na extremidade do campo, Osiowy reparou que os braços encarregados de baixar o mecanismo da máquina ao nível do solo estavam emperrados na posição elevada. Deixando o trator ligado, ele saltou da cabine e, com um martelo, baixou o braço esquerdo da máquina. O braço direito, porém, não estava acessí-

vel. De joelhos, ele inseriu uma chave de grifa num espaço apertado entre a máquina e o braço emperrado e martelou na extremidade da chave. O braço se recusava a descer.

A fim de conseguir segurar melhor a chave de grifa, Osiowy avançou um pouco mais a mão esquerda sobre a chave, firmou bem e martelou forte novamente. Com um único golpe, o braço suspenso cedeu e uma pesada barra de aço despencou com violência.

Ele gritou desesperado quando sua mão ficou presa entre o braço suspenso e a barra. O sangue jorrou de sua mão esmagada e quanto mais ele lutava para se libertar, mais a dor lhe queimava o braço.

Fique calmo, disse a si mesmo. Olhou as horas: 19h20. Estava parcialmente deitado na terra, o braço esquerdo estendido para a frente, cerca de meio metro acima do chão.

Pegou o martelo e golpeou a lateral da máquina. “Socorro!”, gritou.

TREMENDO E ROUCO de tanto gritar, Osiowy tentou se tranquilizar. Jason Naumetz, seu ajudante ocasional que viria trabalhar no dia seguinte, ia encontrá-lo pela manhã. *Só tenho de resistir esta noite*, refletiu ele.

O sangramento em sua mão diminuíra, mas a dor ainda era intensa, especialmente quando ele cochilava e mudava de posição. Vestindo somente calça *jeans* e camiseta de mangas curtas, ele puxou *Gopher* pa-

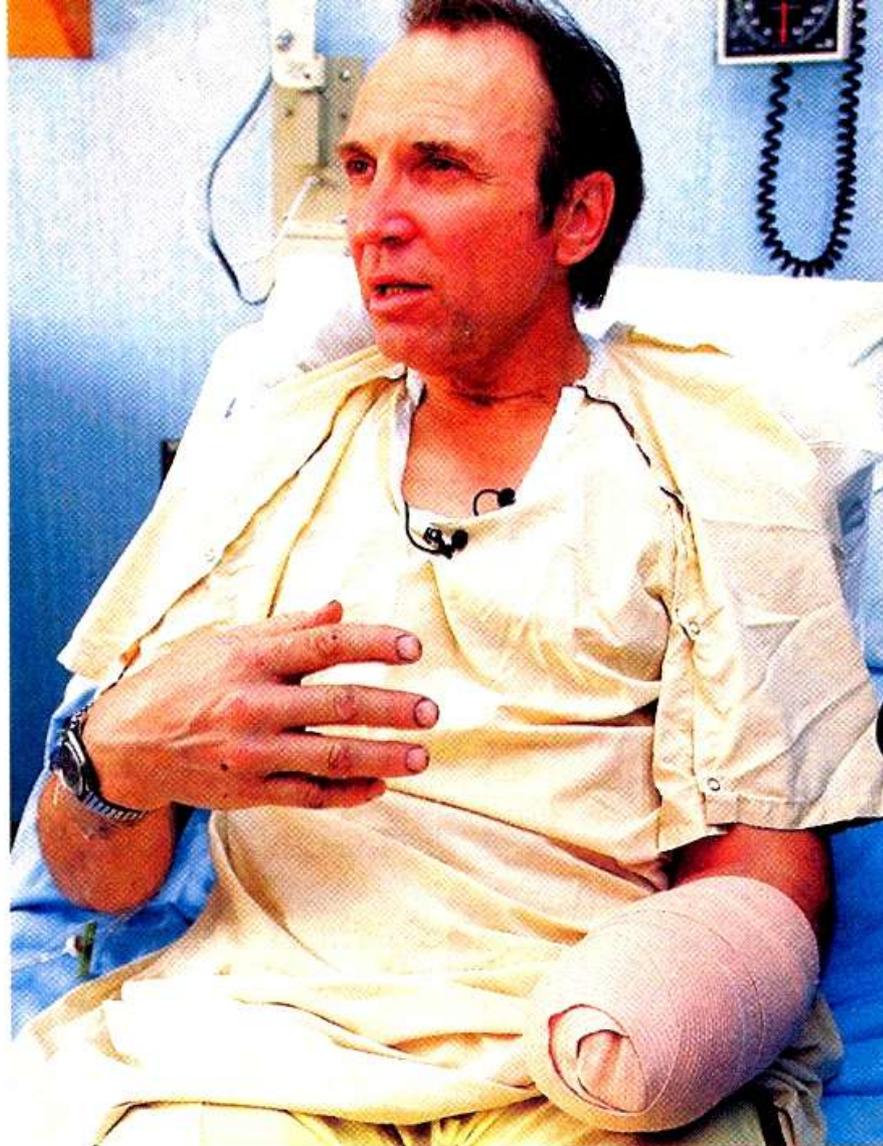
ra perto a fim de se aquecer quando a temperatura caiu para 6°C.

Na manhã de sexta-feira, em Fort Qu’Appelle, a 30 quilômetros de distância, Jason Naumetz olhou pela janela a chuva caindo. Chuva significava que o dia de trabalho seria cancelado. Ele ligou para o celular de Osiowy, mas ninguém atendeu.

AO CLAREAR o dia, Osiowy já vasculhava o horizonte à procura de um sinal de Naumetz. Às oito horas ouviu seu celular tocando no trator. *E se ele não vier trabalhar hoje?*, pensou Osiowy em pânico. Ao meio-dia, Naumetz ainda não havia chegado e o desânimo tomou conta do fazendeiro. O telefone tocava insistentemente. Ele olhou ao redor. Estava bem distante da fazenda mais próxima e escondido pelas árvores. Seria quase impossível que alguém o visse. Além do mais, quem viria procurá-lo?

Divorciado e pai de seis filhos, Osiowy crescera numa fazenda vizinha e se mudara com a mãe para Regina aos 7 anos. Em 1988, ele comprou algumas terras próximas à casa de sua infância e começou a plantar alpiste e feijão, mas não se tornou um fazendeiro típico. Com uma casa em Regina e um negócio de aluguel de máquinas acionadas por moedas que freqüentemente o fazia viajar por dias, não era raro que Osiowy passasse uma semana sem contato com a família e os amigos. E seus vizinhos fazendeiros sabiam que nessa época do ano ele semeava o campo desde a madrugada até o anoitecer.

"Se cortar o polegar e o dedo mínimo, talvez eu consiga libertar a mão", pensou ele.



Osiowy esticou a mão direita e alcançou os dedos presos da mão esquerda. Estavam muito inchados e sem sensibilidade. O braço esquerdo estava gelado. Osiowy fora casado com uma médica por dez anos e sabia que a gangrena se instala rapidamente quando a circulação é interrompida. *Preciso soltar logo minha mão ou vou ter problemas sérios*, pensou.

Ele pegou o canivete suíço do cinto e o colocou sobre o braço suspenso, ao nível dos olhos. *Se eu cortar o polegar e o dedo mínimo talvez consiga libertar a mão*.

Durante toda a tarde de sexta-feira ele olhou para o canivete e considerou suas alternativas. Talvez fosse mais prudente cortar a mão na altu-

ra do pulso. Olhou para o cinto: poderia usá-lo como torniquete. Mas seria a lâmina afiada o suficiente para que ele fizesse o trabalho rapidamente, de forma que não perdesse muito sangue? Não, seria melhor começar mesmo com o polegar e o dedo mínimo, decidiu ele.

A idéia de cortar a própria carne era repugnante, mas ele não tinha escolha. Para testar sua coragem, ele respirou fundo e começou a cortar a base carnuda do indicador. Para sua surpresa a dor não foi muito violenta. Ainda assim, ele recuou ao ver o sangue escorrer do corte profundo. A ausência de dor e de jorros de sangue indicavam que a circulação havia sido interrompida. *Tenho de agir rá-*

vido, pensou, e decidiu estipular um prazo: se não conseguisse ajuda até as 12 horas do dia seguinte, sábado, ele cortaria.

Com o anoitecer de sexta-feira vieram a chuva e o vento que deixaram Osiowy encharcado até os ossos. Tremendo, ele assobiou para o cachorro que estava encolhido e abrigado na máquina de recolher pedras. “Aqui, *Gopher!*”, chamou. Osiowy enrolou suas pernas no cachorro, usando-o como escudo contra o vento. A temperatura caía rapidamente e ele já podia ver a névoa branca produzida por sua respiração.

Foi uma noite longa e insone que se estendeu até o gélido nascer do sol de sábado. Enrijecido, dolorido e coberto de terra, Osiowy sentou-se no solo molhado, sentindo as forças se esvaírem. O prazo do meio-dia passou. Estava preso há mais de 40 horas e sentia uma sede desesperadora, mas a água e a garrafa térmica com chá estavam na cabine do trator. Olhou novamente o relógio: 13 horas. Não fazia sentido adiar mais. Relutante, pegou o canivete.

Sem forças, por causa da falta de água e de descanso, Osiowy começou a ter estranhas alucinações – efeito comum da desidratação intensa. Subitamente estava no México ajudando uma família a preparar uma ceia de Páscoa. As pessoas se reuniam à sua volta e ele implorava por água, mas ninguém o atendia.

Em seguida, como se emergindo da neblina, viu-se olhando fixamente o canivete suíço que deixara cair na

terra. Ele o apanhou, limpou a lâmina suja de sangue na calça suja e continuou a cortar no espaço entre o polegar e o indicador. A lâmina estava tão cega que ele não conseguia progredir muito. Então, puxou com os dentes uma lâmina menor e continuou.

EM LEMBERG, a oito quilômetros dali, sua amiga Bev Kanciruk deixava uma segunda mensagem na secretária eletrônica.

– Ele costuma ligar de volta – comentou ela com o marido, Frank.

– Mas você conhece o Bruce – ele disse. – Está sempre ocupado.

VAGANDO por outra alucinação, Osiowy viu-se num estranho descampado. A seu lado havia uma enorme geladeira de isopor cheia de bebidas. Ele tentava alcançar o interior, mas seu braço esquerdo ficava preso sob a tampa. Ele foi trazido à realidade quando a lâmina do canivete atingiu um nervo que enviou um incrível choque pelo seu corpo. Ele continuava trabalhando no polegar, parando de vez em quando para descansar.

Pouco depois estava de volta ao descampado, implorando aos passantes por uma bebida. Um homem se aproximou.

– Olhe o que eu fiz com a minha mão – Osiowy disse a ele.

– Não tem problema – respondeu o homem, entregando-lhe um braço com uma mão inteira. – Por que não usa esta aqui?

Em seu delírio, Osiowy concluiu



Gopher manteve Osiowy aquecido durante as horas mais geladas de seu pesadelo.

Ocorreu-lhe levar a mão para o hospital: **"Lá é limpo e eles poderão cortá-la para mim."**

que poderia cortar os dedos bons daquela mão para substituir os seus dedos inchados. Ele começou então a cortar a mão nova. Sua lembrança seguinte foi a de usar os dentes para abrir a tesoura do canivete suíço e com ela cortar os próprios tendões. Ele recorreu ao alicate quando atingiu uma área mais dura. Ocorreu-lhe levar a mão para o hospital: *Lá é limpo e eles poderão cortá-la para mim.*

Nas primeiras luzes da manhã de

domingo, ele conseguiu se levantar. Seu braço, percebeu vagamente, estava livre da máquina. E lá estava o trator, com o motor ainda ligado. Ele alcançou sua garrafa e engoliu avidamente a água. Depois tomou todo o chá. Fraco e tonto, ele cambaleou e desmaiou.

Em seguida, recomeçaram as alucinações. Uma desconhecida dizia a ele que aguardasse o piquenique. "Vou descansar no trator", ele respondeu.

“Leve meu lanche para lá.” Assim que abriu a porta da cabine e subiu, segurando o braço esquerdo, ela lhe entregou um pacote de frango grelhado. Exausto, ele desabou sobre o assento e pegou no sono.

Quando acordou, Osiowy notou que segurava a própria mão embrulhada nas páginas do manual do trator. Foi uma visão terrível. O polegar e o dedo mínimo tinham desaparecido, e a pele e a carne haviam sido arrancadas pela máquina até o pulso, deixando à vista ossos e tendões. Desceu do trator e encontrou os dedos ao lado do canivete. *Não me servem mais para nada*, pensou, e jogou-os fora. Nunca se sentira tão cansado. Subiu de novo no trator e adormeceu.

Foi acordado pelo toque do telefone, pouco depois das 11 horas. Osiowy atendeu sonolento. Era seu filho, Mitch: “Pai, onde você está?” A resposta incoerente de Osiowy alarmou Mitch. “Pai, você precisa ir para o hospital!”, gritou ele. Mitch telefonou imediatamente para Frank Kanciruk.

Osiowy desligou o telefone. O trator continuava ligado e ele agradeceu a Deus por ter completado o tanque antes de sair. *De jeito algum eu*

conseguiria caminhar dois quilômetros até em casa, pensou. Engatou a marcha e partiu lentamente rumo à fazenda. Enquanto dirigia, percebeu que haviam se passado mais de 65 horas desde que sua mão ficara presa na máquina. Calculou que levaria de 16 a 20 horas para cortar seus dedos.

Quando chegou à casa da fazenda, ficou mais uma vez confuso com o cheiro de carne queimada, mas era apenas o assado no forno. Esgotado, Osiowy deixou-se cair numa cadeira, tirou as botas e chamou uma ambulância. Foi encontrado por Frank e Bev Kanciruk dez minutos mais tarde. Pouco depois uma ambulância o levou para o hospital em Regina, onde, ainda naquela tarde, sua mão foi amputada na altura do pulso.

USANDO UMA PRÓTESE, Bruce Osiowy hoje se considera um homem de sorte. “Rezei tanto por um milagre que demorei a notar que ele já tinha acontecido. Se o dia estivesse quente eu teria ficado seriamente desidratado e poderia ter morrido. E, sem aquele vento, os mosquitos teriam me atormentado. Por fim, fui capaz de me soltar. Às vezes, em meio ao horror, os milagres não parecem milagres.”

COM SINCERIDADE

A maioria dos bilhetes que recebo de pais de alunos justificando a ausência do filho não tem nada de extraordinário. Mas, de vez em quando, surge um digno de nota, como este: “Por favor, perdoe a ausência de Shannon nas aulas de ontem. Não me dei conta de que já era segunda-feira.”

C. PARSONS, EUA